

PADRÕES DE FLEXÃO VERBAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO INFANTIL

MORFOLOGIA OU FONOLOGIA?¹

Camila Moreira
(UFPR – Mestrado)

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA
Camila Moreira é bacharel em linguística formal pela Universidade Federal do Paraná (2017) e mestranda na mesma instituição. Dedicar-se ao estudo de aquisição da linguagem e de questões relativas à fonologia e morfossintaxe de processos reduplicativos nas línguas.

RESUMO	ABSTRACT
O processo de troca de conjugação é frequente na gramática de crianças adquirindo o Português Brasileiro (PB) e tem sido abordado por pesquisadores sob diversas perspectivas teóricas. Para alguns autores, as trocas entre conjugações (TC) decorrem da sobregeneralização de regras e padrões morfológicos produtivos na aquisição. Contudo, ao analisar 121 formas verbais de crianças de 2-5 anos, constatei um padrão flexional diferente do esperado: de 77 trocas de conjugação, 51 (66,2%) consistem em aplicações da desinência -i, de 1ª pessoa do pretérito perfeito de 2ª e 3ª conjugação, no lugar da estrutura -ei, da 1ª. Dado o fato de que a 1ª conjugação é tida como a mais produtiva, o esperado seria que as trocas se dessem no sentido inverso. Neste estudo, exploro a possibilidade de o padrão observado não consistir, de fato, em uma troca entre desinências, mas sim em uma tentativa malsucedida de produção da desinência -ei causada por uma dificuldade de realização fonética desta estrutura, aqui analisada como uma sílaba VG (vogal e glide). Para testar esta hipótese, discuto a literatura sobre a aquisição dos ditongos decrescentes no PB, buscando oferecer uma análise mais global acerca do tema.	The morphological process of conjugation shifting is frequent in the grammar of children acquiring Brazilian Portuguese (BP) and has been approached by researchers from different theoretical frameworks. According to these authors, the shifting among conjugations occurs due to the overgeneralization of rules and productive morphological patterns in the acquisition. However, through the analysis of 121 verbs produced by children aged 2-5, I found an unexpected inflectional pattern: out of 77 conjugation shifts, 51 (66.2%) consist of applications of the inflectional morpheme -i (1st person of the perfect past tense shared by the 2nd and 3rd conjugation), in place of the -ei morpheme, (1st person of the 1st conjugation). Given the fact that the 1st conjugation is taken as the most productive, the expected would be that the shifts applied inversely. In this study, I explore the possibility that the observed pattern does not truly consist of a shifting between inflectional morphemes, but rather an unsuccessful attempt to produce the -ei due to a difficulty with the phonetic realization of this structure, analyzed here as a syllable of the type VG (vowel and glide). To test this hypothesis, I discuss the literature on the acquisition of decreasing diphthongs in BP in an attempt to offer an overall analysis on the subject.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Morfologia; Aquisição da Linguagem; Flexão Verbal	Morphophonology; Language Acquisition; Verbal Inflection

¹ Pesquisa de iniciação científica desenvolvida com apoio financeiro do CNPq. Os resultados preliminares foram apresentados no X Enal (Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem), ocorrido em Florianópolis/2016. Agradeço à plateia pelos comentários e sugestões, os quais contribuíram para os desdobramentos deste trabalho.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca integrar o estudo da aquisição de morfologia flexional à fonologia, investigando a possível influência desta nos padrões de flexão verbal observados em crianças de 2-5 anos adquirindo o português brasileiro como primeira língua. A fase de aquisição de morfologia verbal caracteriza-se pela emergência de padrões flexionais distintos daqueles observados na gramática adulta (GA), apresentando os processos de troca de conjugação (TC) e regularização (REG). Para a literatura (LORANDI, 2007; SOUZA & MARTINS, 2010; GROLLA & FIGUEIREDO SILVA, 2014; WURGES, 2014), ambos os processos decorrem da sobregeneralização de regras e padrões morfológicos produtivos internalizados pela criança.

Contudo, em um levantamento de 121 formas verbais infantis feito em um estudo anterior que visava analisar como as crianças operam com as 3 conjugações, obtive um resultado inesperado: de um total de 77 trocas de conjugação, 51 (66,2%) consistiram em aplicações da desinência *-i*, compartilhada pela 2ª e 3ª conjugação na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito, a verbos da 1ª conjugação (e.g. *botei*→ *boti*). Dadas as previsões de que a 1ª conjugação é a classe mais produtiva no PB (CUNHA & CINTRA, 2016; LORANDI, 2007), se a TC ocorresse devido à generalização de padrões produtivos, o esperado seria que as trocas se dessem no sentido inverso. Diante desta questão, exploro a possibilidade de a troca de *-ei* por *-i* não ser, de fato, uma troca entre desinências gerada pela sobregeneralização de padrões flexionais, mas sim uma tentativa malsucedida de produção do ditongo *-ei* causada por problemas na aquisição da estrutura silábica VG, formada por vogal e semivogal (*glide*). A hipótese é testada através da revisão da literatura sobre a aquisição dos ditongos orais decrescentes (BONILHA, 2000)².

Através do estudo e comparação dos padrões verbais obtidos na presente pesquisa e aqueles descritos em Bonilha (2000), busco responder a seguinte questão: há fatores de ordem fonológica interferindo nos processos de troca entre as desinências verbais por parte das crianças, ou os padrões flexionais observados nesse período resultam unicamente da generalização de padrões flexionais produtivos?

A partir do trabalho da autora, foi possível constatar que a não-realização de *-ei* restringe-se a um grupo muito pequeno de palavras, resultando não de problemas de aquisição, mas sim devido a condicionamentos fonológicos, como a presença das

² A aquisição dos ditongos orais decrescentes no PB também foi abordada em Benayon (2006) e Bonilha (2007). Contudo, desenvolvi minha análise tomando como referência apenas o trabalho de Bonilha (2000) devido ao fato de a autora ter conduzido sua pesquisa com um total de 86 crianças, frente a 10, em Benayon (2006) e apenas 2, em Bonilha (2007). O maior número de sujeitos estudados em Bonilha (2000) contribui com a formulação de generalizações mais seguras.

consoantes /f/ e /tʃ/. Dessa forma, verificou-se que a maior porcentagem da aplicação de -i em verbos de 1ª conjugação se deve à generalização do padrão flexional da 2ª e 3ª conjugação.

Este trabalho organiza-se do seguinte modo: na seção 2 apresento uma breve revisão da literatura sobre morfologia verbal infantil, passando na seção 3 para a descrição dos dados obtidos nesta pesquisa. Na seção 4, inicio a análise em conjunto com a discussão a respeito da aquisição dos ditongos decrescentes. Por fim, a seção 5 apresenta a conclusão deste trabalho.

1 MORFOLOGIA VERBAL INFANTIL

O estudo da aquisição da morfologia verbal no PB tem sido abordado por diversos autores a partir das mais variadas perspectivas teóricas, fato que tem contribuído para o melhor entendimento da estrutura morfológica geral da língua. De acordo com a literatura da área (MARTINS, 2007; LORANDI, 2007; SOUZA & MARTINS, 2010; GROLLA & FIGUEIREDO SILVA, 2014; WUERGES, 2014), a fase de aquisição da morfologia verbal caracteriza-se pela emergência de formas com padrões distintos daqueles da GA. Entre os processos morfológicos envolvidos na geração dessas formas estão: a troca entre pessoas gramaticais (TPG), a REG e a TC.

A TPG ocorre quando a criança flexiona um verbo em desacordo com a PG pretendida (e.g. eu faz-eu). A TC consiste na aplicação de desinências de verbos de uma classe mórfica (e.g. 1ª conjugação: *tomar* → tom-ei) a verbos pertencentes à outra (e.g. 2ª conjugação: *comer* -com-i → com-ei³). Por sua vez, a REG é um dos fenômenos mais observados durante a aquisição da linguagem, e consiste na aplicação de padrões regulares (e.g. *cantar*-cant-o) a verbos irregulares (e.g. *saber* -sei→sab-o). Como veremos na seção 5, os processos supracitados nem sempre ocorrem separadamente, sendo possível que um mesmo verbo sofra REG e TC simultaneamente (e.g. *fazer* (fiz)→faz-ei).

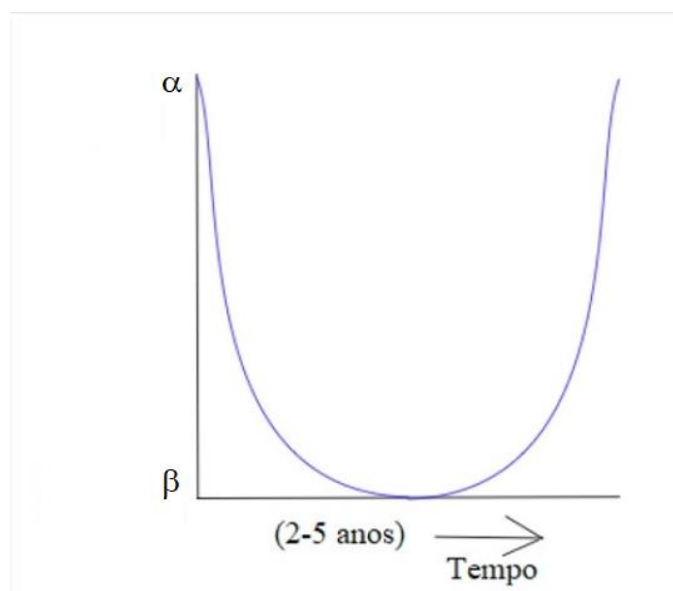
³ Conforme sugerido por um parecerista anônimo, em vez de serem tomadas como TC, formas como *comei* e *fazei* poderiam ser analisadas como formas verbais em que a VT-e é mantida, sofrendo adjunção do sufixo número-pessoal -i. No entanto, tal conclusão me parece prematura, uma vez que o *corpus* utilizado nesta pesquisa apresenta dados como *comiu*, *cabiu* e *sabiu* para *comeu*, *coube* e *sei*, e *serveu* e *abreu*, para *serviu* e *abriu*. Além disso, a alta porcentagem de aplicação de -i em verbos da 1ª conjugação no pretérito perfeito evidencia que a VT de referência para a criança parece ser -i, o que torna improvável que a vogal -e, presente em *comei* e *fazei*, seja a VT da 2ª conjugação, e não o alomorfe -e da VT da 1ª conjugação.

O parecerista aponta ainda que dados como *fazi* corroborariam a hipótese de que *fazei* não apresenta TC, tratando-se de uma mera regularização de *fazer* com posterior adjunção de -i. Concordo parcialmente com esta análise.

Conforme a descrição oferecida neste trabalho (cf. tabela 6, p.9), dados como *fazi*, *fezi* e *fizi* são, de fato, regularizações. Porém, ao contrário do que foi sugerido pelo parecerista, não há nessas formas supressão da VT, uma vez que verbos de 2ª conjugação compartilham a VT-i com verbos de 3ª conjugação na P1 do pretérito perfeito em função de uma neutralização (cf. CAMARA JR, 1970). Dessa forma, a VT e o sufixo número-pessoal tornam-se homófonos, amalgamando-se em um único morfe.

O surgimento destas formas na gramática infantil ocorre por volta dos 36 meses⁴, período em que alguns processos morfológicos mais complexos começam a emergir, como a REG e a TC (ROSA, 2013, p. 95). Em um período anterior, a produção verbal infantil é realizada de acordo com os padrões da GA, sem a ocorrência de formas desviantes. Diante deste fato podemos nos perguntar: como é possível que as formas gramaticais *corretas* precedam as desviantes no *output* infantil? Para explicar as etapas do desenvolvimento de aquisição da morfologia, bem como o surgimento de formas *corretas* em um período anterior às desviantes, Bowerman (1982) alude à Curva de Desenvolvimento em U, gráfico utilizado na representação das etapas constitutivas de processos gerais de aprendizado (físico-motores e cognitivos):

Figura 1 – Gráfico da Curva em U



Na figura 1, tem-se a representação de um diagrama amplamente presente na literatura sobre aquisição da linguagem, no qual o eixo horizontal ilustra a passagem do tempo, e o vertical, a produção linguística das crianças. O gráfico ilustra as fases pelas quais as crianças passam durante a aquisição morfológica: o primeiro pico do gráfico, representado por α , corresponde ao período em que elas ainda não produzem formas desviantes, como *faz-i/com-ei*, proferindo formas verbais com os padrões da GA, ainda que estas nem sempre estejam de acordo com a PG pretendida. Esta fase caracteriza-se por enunciados como “(eu) *qué*”, em que temos a primeira PG (pronunciada ou não) como sujeito de um verbo flexionado de acordo com os padrões da 3ª PG do presente do

⁴ Esta idade consiste em uma estimativa, havendo variações quanto a ela na literatura: Bowerman (1982) prevê o início do segundo estágio em torno dos 2,5 anos; para Rosa (2013), Grolla & Figueiredo Silva (2014) ele começa em torno dos 3. Contudo, não é impossível encontrar ocorrências de formas efetivamente flexionadas um pouco antes dos 2 anos, conforme mostram alguns dados de Bonilha (2000).

indicativo, ilustrando TPG. A base do gráfico, representada por $\odot\odot\odot$ ilustra o período do surgimento das formas obtidas por meio de REG e TC. A partir do momento que a criança sai do ponto \odot retornando para \odot , ela volta a proferir formas de acordo com a GA, com a diferença de não mais apresentar em sua fala inadequações quando à PG. Neste estágio, a criança já internalizou as regras morfológicas da língua.

Conforme Bowerman (1982), estas 3 fases ocorrem devido ao fato de a criança ainda não ter desenvolvido a habilidade de segmentação morfológica no período anterior aos 2 anos, uma vez que é só depois de certo tempo em contato com uma língua natural que a habilidade de analisar o *input* se desenvolve. Por esta razão, este período inicial se caracteriza pelo predomínio de formas *corretas*. A autora defende que a segmentação morfológica passa a aumentar gradativamente em torno dos 2,5 anos, chegando ao ponto em que as crianças passam a reestruturar os morfemas e produzir formas inovadoras, momento que corresponde aos 3 anos citados por Rosa (2013). A essas formas reestruturadas Bowerman (1982) chama de *formas analisadas*, pois, com maior capacidade de segmentação e domínio de operações morfológicas complexas, as crianças submetem o *input* a processos de análise e reorganização, resultando por vezes na aplicação generalizada de regras, como é o caso das REG.

Para Figueiredo Silva (2010), as formas verbais regularizadas, como é o caso de [sab-o], são exatamente as que seriam esperadas caso os verbos em questão pertencessem ao paradigma verbal regular do português, fato que evidencia a internalização das regras morfológicas no segundo estágio. Grolla & Figueiredo Silva (2014, p. 41) asseveram que todas as crianças passam pelo estágio de produção de formas desviantes em torno dos 3-5 anos, independente da língua que estejam adquirindo. Além disso, as autoras ressaltam que as formas geradas a partir de processos de generalização de padrões não são aleatórias, uma vez que obedecem a regularidades de fato encontradas na GA (p. 68).

A generalização de padrões não fica restrita aos verbos irregulares, parecendo afetar também a flexão de formas verbais regulares. Em estudos acerca da flexão verbal infantil, Lorandi (2007) e Wuerges (2014) observam que verbos da 2ª conjugação, por vezes, recebem desinências pertencentes ao paradigma da 1ª conjugação, como em *comi* → *comei*, fato associado à produtividade dessa conjugação na língua portuguesa. Contudo, as autoras também descrevem aplicações de padrões de 2ª e 3ª conjugação em verbos da 1ª, como em *tomei* → *tomi* e *matei* → *mati*.

Diante desses dados, uma possível explicação é a de que embora a 1ª conjugação seja a mais produtiva no que diz respeito à criação de novos verbos, as outras duas conjugações não são menos importantes, uma vez que exibem padrões flexionais produtivos. Dessa forma, Lorandi (2007), Grolla & Figueiredo Silva (2014) e Wuerges (2014) defendem que a aplicação de -i em verbos de 1ª conjugação na P1 do pretérito

perfeito resulta da generalização do padrão flexional da 2ª e 3ª conjugação.

Um ponto interessante acerca dessas duas conjugações é que elas têm suas VTs neutralizadas na P1 do pretérito perfeito (comi, abri), e na P1 e P3 do pretérito imperfeito (comia, abria). Em decorrência dessa neutralização, a VT e o SNP desses verbos passam a ser homófonos, sofrendo fusão em um único morfe: *e.g.* [R-com+VT-i+SNP-i → com-i] e [R-part+VT-i+SNP-i → part-i] (CAMARA JR., 1970). Essa questão é apontada como evidência d

Embora os processos aqui estudados sejam vistos como generalizações de padrões, testo a hipótese de que o padrão observado em meu levantamento de dados envolve influências de ordem fonológica. Para averiguar esta questão, descrevo, na próxima seção, os padrões observados de acordo com o método de comutação (CAMARA JR., 1970), exemplificado em (1):

(1) Estrutura geral de verbos regulares no PB (CAMARA JR., 1970)

T (R com+VT Ø) + SF (SMT-Ø+SNP-o) (P1 do presente do indicativo)

T (R com+VT-i) + SF (SMT-Ø+SNP-i) (P1 do pretérito perfeito)

De acordo com a fórmula apresentada acima, os verbos regulares da Língua Portuguesa são formados a partir de um radical invariante seguido de uma vogal temática e dois sufixos flexionais, que por sua vez, dividem-se em sufixo modo-temporal (SMT) e número-pessoal (SNP). Como mostrarei na descrição dos dados, as formas da GI também seguem o padrão proposto acima, tanto nas formas com REG quanto nas com TC.

2 DESCRIÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, apresento os dados coletados em conjunto com suas descrições de acordo com o método de comutação estruturalista. Para tanto, farei uso das seguintes abreviações: as formas verbais geradas a partir da gramática infantil serão indicadas por (GI). Os processos de TC e REG serão indicados por '*' e '%' junto à descrição estrutural dos dados coletados. Nos excertos utilizados para a contextualização em que as formas da GI apareceram, identificaremos a fala dos adultos e crianças por (Ad) e (C), respectivamente. Por sua vez, os mnemônicos para os tempos verbais utilizados aqui foram extraídos de Camara Jr. (1970, p. 97), e podem ser sumarizados por: P1, P2 e P3 (1ª/2ª e 3ª PG), Id. (indicativo), Pr. (presente), Pt1. (pretérito imperfeito), Pt2. (pretérito perfeito). Para cada verbo será dada a descrição da forma esperada de acordo com os

padrões da GA seguida da descrição do *output* infantil, e.g. [dei], P1IdPt2 1ª (P1 do singular do pretérito perfeito da 1ª conjugação) → [di], P1IdPt2 2ª/3ª (P1 do singular do pretérito perfeito da 2ª/3ª conjugação).

Para a realização desta pesquisa, consultei o Banco FALA (Banco de Dados de Fala e Escrita), pertencente ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP, onde tive acesso a dados espontâneos de 10 crianças adquirindo o PB como primeira língua. Os registros consultados consistiam em coletas transversais e longitudinais, de forma que o recorte aqui feito incluiu a ambos. As crianças foram divididas em 3 faixas etárias (FE): FE01(2:0-3:0 anos), FE02 (3:0-4:0 anos) e FE03 (4:0-5:0 anos). Todos os registros selecionados para minha análise tinham como suporte de coleta apenas a transcrição ortográfica, de modo que não tive acesso às transcrições fonéticas das formas coletadas, mantendo sua descrição conforme constavam no banco de dados de origem. Os dados coletados foram descritos em consonância com o método de comutação (CAMARA JR. , 1970).

Objetivando englobar a descrição dos dados aqui apresentados com a discussão a respeito da aquisição dos ditongos decrescentes com participação ativa na morfologia flexional, as estruturas contendo adjunção de VTs às vogais átonas finais dos SNPs serão doravante tratadas como um único sufixo global, e.g. [quebr–eu(VT+SNP)]. A descrição exata dessas estruturas será dada junto às comutações dos dados (tabelas 5 e 7). Terminologia esclarecida, passemos à descrição dos dados.

A presente análise contou com o total de 121 dados, entre as quais: 77 (63,3%) correspondem ao processo de TC e 48 (39,7%) ao de REG. Das trocas de conjugação, 73 (60,3%) foram aplicadas a verbos regulares e apenas 4 (8,3%) ocorreram concomitantemente à regularização, de modo que das 48 regularizações supracitadas, 44 (91,7%) não apresentaram troca entre classes mórficas, embora alguns desses verbos tenham apresentado troca de desinência flexional dentro de sua própria classe em decorrência de problemas de TPG (e.g. “(eu) faz–eu”). Como esperado, a maioria dos dados correspondem a verbos da 1ª conjugação, com um total de 58 contra 51 da 2ª e apenas 12 da 3ª. Quanto ao padrão dos verbos coletados, 31 são regulares e 9 irregulares. Embora o número de *types* para verbos irregulares tenha sido pequeno, a alta frequência de *tokens* para alguns deles me permitiu fazer algumas generalizações.

Seguindo as previsões da literatura, que descrevem a 1ª conjugação como mais regular e produtiva na língua, a hipótese inicial de minha coleta de dados era de que a TC se daria pela aplicação dos padrões desta em verbos de 2ª e 3ª. Contudo, os dados mostraram exatamente o oposto: das 77 TC observadas, 58 (75,3%) consistem na aplicação dos sufixos –i, –eu, –ia e –iu de 2ª e 3ª conjugação em verbos de 1ª, contra apenas 10 (13%) aplicações do sufixo –ei da 1ª conjugação em verbos de 2ª e 3ª:

Tabela 1 – Processos aplicados a verbos de 1ª conjugação

Verbos	GA	GI	Processo		Total
			TC(*)	REG(%)	
Irregular					
Dar ⁵	Dei	Di*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a /3 ^a		7
		Dia*	P1IdPt2 1 ^a →IdPt1 2 ^a /3 ^a		1
		Diu*	P1IdPt2 1 ^a →P3IdPt2 3 ^a		1
Regular					
Botar	Botei	Boti*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		2
Balançar	Balancei	Balanci*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		1
Cantar	Cantei	Canti*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		1
Chorar	Chorei	Chori*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		4
Dançar	Dancei	Danci*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		1
Dobrar	Dobrei	Dobri*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		1
Enxugar	Enxuguei	Sugui*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		1
Escovar	Escovei	Covi*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		1
Ficar	Fiquei	Fiqui*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		3
Ganhar	Ganhei	Ganhi*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		3
Gostar	Gostei	Gosti*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		2
Jantar	Jantei	Janti*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		1
Lembrar	Lembrei	Lembri*	P1IdPt2 1 ^a →P1IdPt2 2 ^a		1

⁵ Embora [dar] seja irregular para a maioria dos tempos, ele apresenta flexão regular para a P1 no pretérito perfeito ((eu) d–ei), e para todas as pessoas no imperfeito, de modo que não estamos classificando os *outputs* infantis obtidos para esse verbo como regularizações.

Matar	Matei	Mateu*	P1IdPt2 1^a→P3IdPt2 2^a	1
		Mati*	P1IdPt2 1^a→P1IdPt2 2^a	1
Molhar	Molhei	Molheu*	P1IdPt2 1^a→P3IdPt2 2^a	1
Montar	Montei	Monti*	P1IdPt2 1^a→P1IdPt2 2^a	2
Parar	Parei	Palí*	P1IdPt2 1^a→P1IdPt2 2^a	1
Pegar	Peguei	Pegui*	P1IdPt2 1^a→P1IdPt2 2^a	5
Pensar	Pensei	Pensi*	P1IdPt2 1^a→P1IdPt2 2^a	1
Pular	Pulei	Puli*	P1IdPt2 1^a→P1IdPt2 2^a	1
Quebrar	Quebrei	Quebri*	P1IdPt2 1^a→P1IdPt2 2^a	1
	Quebrou	Quebreu*	P3IdPt2 1^a→P3IdPt2 2^a	1
Sujar	Sujei	Suji*	P1IdPt2 1^a→P1IdPt2 2^a	1
Tomar	Tomei	Tomi*	P1IdPt2 1^a→P1IdPt2 2^a	9
		Tomeu*	P1IdPt2 1^a→P3IdPt2 2^a	1
Usar	Usei	Usia*	P1IdPt2 1^a→ IdPt1 2^a/3^a	1

Conforme mostra a tabela 1, a desinência mais aplicada a verbos de 1^a conjugação foi *-i*, compartilhada pela 2^a e 3^a conjugação na P1 do Pt2, somando um total de 51 (66,2%) ocorrências. As demais terminações verbais receberam taxas bem inferiores de aplicação, somando 4 (5,2%) para a estrutura *-eu*, de P1/P2 do Pt2 da 2^a conjugação, 2 (2,6%) para *-ia*, compartilhada pela 2^a e 3^a conjugação na P1/P2/P3 do Pt1 e, por fim, apenas 1 (1,3%) para a estrutura *-iu*, da P2/P3 do Pt2 da 3^a conjugação.

A aplicação do sufixo *-eu* (VT-e+SNP-u) em lugar de *-ei* (VT-e+SNP-i), em alguns dos dados ((*eu*) *mat-eu/molh-eu/tom-eu*) caracteriza tanto TC quanto TPG, uma vez que além de aplicar a VT da 2^a conjugação a um verbo de 1^a, a criança também aplica o SNP-u correspondente à P2/P3. Especificamente nesse caso, há que se considerar que *-e* também é um alomorfe da VT-a na P1 do Pt2, fato que pode ter motivado essa troca de sufixos. Ao

descrever esse mesmo processo de troca de SNP constatado para a forma [traz-eu], Lorandi (2007) oferece uma explicação de cunho fonológico, aludindo à rima formada com o sujeito [eu] e a estrutura VT-e+SNP-u.

Como ficará claro ao longo desta seção, a troca entre os SNP de P1 e P3 deu-se com relativa frequência nos dados coletados. De acordo com Martins (2007), aos 2 anos de idade as crianças já são capazes de discriminar entre essas duas pessoas gramaticais, de forma que tal distinção acaba se refletindo na flexão verbal.

A estrutura -iu (VT-i+SNP-u), observada para o verbo [dar], foi a única aplicação de um SNP de 3ª conjugação a um verbo da 1ª, e também apresenta TPG, uma vez que, conforme é possível depreender de seu contexto de ocorrência em (2), a forma pretendida foi “(eu) [d-ei]”. Por sua vez, a estrutura -ia (VT-i+SNP-a), aplicada à [dar] e [usar], apareceu como tentativa da criança em flexionar os verbos na P1 do Pt2, no caso de [d-ia], e supostamente, da Pt1, no caso de *us-ia*. Especificamente no caso da primeira, o excerto da interação da criança com o adulto confirma que a forma pretendida por aquela foi [d-ei], conforme mostra o diálogo em (3). Embora o contexto em que *us-ia* aparece não deixe claro se a forma pretendida foi *usei* ou *usava*, a ocorrência do verbo [ter] flexionado na Pt1 antecedendo *d-ia* parece indicar que a forma pretendida pela criança foi de fato [usava], conforme se observa em (3). Ao contrário de [d-iu], não se verifica para as duas últimas o problema de TPG, uma vez que essas classes apresentam neutralização para P1/P2/P3 no Pt1, de forma que todas recebem a desinência -ia.

(2) C. “Eu *diu* pra você?” (3:0)

(3) Ad. “E você deu um carro pra ele?”

C. “*Dia*”. (3:10)

(4) C. Eu tinha uma... sabia? (falando de uma máscara). Eu *usia* ela. (4:5)

Por fim, a estrutura mais aplicada a verbos de 1ª conjugação foi -i, que como vimos na seção 1, constitui-se da fusão da VT-i ao SNP homófono -i, observada em verbos de 2ª e 3ª conjugação na P1 do Pt2. A comutação das formas realizadas com esse padrão, exemplificada na tabela a seguir através do verbo *cantar*, revela a estrutura geral R+VT-i+SMT-Ø+SNP-i, em lugar da forma esperada R+VT-e+SMT-Ø+SNP-i. A substituição da estrutura -ei por -i será discutida em maior detalhe na seção 4, na qual exploraremos a possibilidade de esta troca dar-se em decorrência de uma aquisição tardia do ditongo -ei.

Tabela 2 – Comutação dos padrões gerais⁶ observados em verbos de 1ª conjugação.

R	VT	SMT	SNP
---	----	-----	-----

⁶ Para as comutações dos dados, escolhi apenas um exemplar de cada padrão, de modo que a forma [cant-i] foi eleita para representar os 23 *tokens* do padrão R+VT-i+SNP-i observados em verbos de 1ª conjugação.

cantar			
cant-	-i-	-Ø-	-i
dar			
d-	-i-	-Ø-	-a
d-	-i-	-Ø-	-u
quebrar			
quebr-	-e-	-Ø-	-u

Tabela 3 – Processos aplicados a verbos de 2ª e 3ª conjugação

Verbos	GA	GI	Processo		Total
			TC(*)	REG(%)	
2ª Conjugação					
Irregular					
Caber	Coube	Cabiu*%	P3IdPt2 2ª → P3IdPt2 3ª		1
		Cabeu%	P3IdPt2 2ª → P3IdPt2 2ª		2
Saber	Sei	Sabo%	P1PrId → P1PrId		14
		Sabiu*%	P1IdPt2 2ª → P3IdPt2 3ª		1
		Seio%	P1PrId → P1PrId		1
Fazer	Fiz	Fiziu*%	P1IdPt2 2ª → P3IdPt2 3ª		1
		Fazi%	P1IdPt2 2ª → P1IdPt2 2ª/3ª		3
		Fezi%	P1IdPt2 2ª → P1IdPt2 2ª/3ª		2
		Fazei*%	P1IdPt2 2ª → P1IdPt2 1ª		1
		Fizi%	P1IdPt2 2ª → P1IdPt2 2ª/3ª		1
		Fazeu%	P1IdPt2 2ª → P3IdPt2 2ª		2
	Fez	Fazeu%	P3IdPt2 2ª → P3IdPt2 2ª		6
Trazer	Trouxe	Trazeu%	P3IdPt2 2ª → P3IdPt2 2ª		2
		Trazi%	P1IdPt2 2ª → P1IdPt2 2ª/3ª		2

Regular				
Aprender	Aprendi	Aprendei*	P1IdPt2 2 ^a → P1IdPt2 1 ^a	2
Bater	Bati	Batei*	P1IdPt2 2 ^a → P1IdPt2 1 ^a	1
Beber	Bebi	Bebei*	P1IdPt2 2 ^a → P1IdPt2 1 ^a	1
Comer	Comi	Comei*	P1IdPt2 2 ^a → P1IdPt2 1 ^a	2
	Comeu	Comiu*	P3IdPt2 2 ^a → P3IdPt2 3 ^a	1
Entender	Entendi	Entendei*	P1IdPt2 2 ^a → P1IdPt2 1 ^a	1
	Entendeu	Entendiu*	P3IdPt2 2 ^a → P3IdPt2 3 ^a	2
Mexer	Mexi	Mexei*	P1IdPt2 2 ^a → P1IdPt2 1 ^a	1
Perder	Perdi	Perdei*	P1IdPt2 2 ^a → P1IdPt2 1 ^a	1
3^a Conjugação				
Irregular				
Ir	Fui	Fiu%	P1IdPt2 3 ^a → P3IdPt2 3 ^a	1
		Iu%	P1IdPt2 3 ^a → P3IdPt2 3 ^a	3
Ouvir	Ouçó	Ouvo%	P1PrId → P1PrId	5
Servir	Serviu	Serveu*	P3IdPt2 3 ^a → P3IdPt2 2 ^a	1
Regular				
Abrir	Abriu	Abreu*	P3IdPt2 3 ^a → P3IdPt2 2 ^a	2

Conforme mostra a tabela 3, o processo mais aplicado a verbos de 2^a e 3^a conjugação foi a REG, fato que corrobora as previsões que assumem estas classes como as mais ricas em verbos irregulares. Entre o grupo de verbos pertencentes ao padrão especial, apenas 4 (*cab-*iu**, *sab-*iu**, *fiz-*iu*/faz-*ei**/*serv-*eu**) sofreram TC, de forma que os demais foram regularizados em consonância com os padrões de sua própria conjugação. Embora a amostra de verbos dessas conjugações tenha sido menor, obtivemos 27 flexões distintas para um total de 15 verbos, estando a maioria delas distribuídas entre os

irregulares.

Os verbos mais recorrentes foram *saber*, *fazer* e *ouvir*, ficando o maior número de *types* flexionais para o verbo *fazer*, que foi realizado de 6 maneiras distintas, entre as quais é possível reconhecer a emergência de dois padrões: em *faz-eu*, *faz-i* e *faz-ei* a raiz *-faz* foi mantida conforme seu padrão no infinitivo, sofrendo a adjunção da VT+SNP, correspondendo, assim, ao padrão regular da língua. De um total de 8 *tokens* para *faz-eu*, 2 apresentaram TPG, uma vez que aparecem em contextos em que a terminação adequada seria a de P1. Por sua vez, *fez-i*, *fiz-i* e *fiz-iu* consistem em formas redundantes, uma vez que apresentam a alternância de raiz típica de padrões irregulares concomitantemente à adjunção das desinências regulares. No caso de *fez-i*, a raiz estabelece concordância com a P2/P3 do Pt2, caracterizando TPG. Nas duas últimas, a raiz foi realizada em correspondência com a PG pretendida, embora *fiz-iu* tenha recebido o SNP-*u* correspondente à P2/P3 do Pt2 da 3ª conjugação, configurando TC e TPG.

Ainda entre os irregulares, os dados *f-iu* e *iu* consistem em formas obtidas através de dois radicais distintos do verbo *ir*: *-fu*, dos padrões flexionais do Pt2, e *-ire*, do Pt1. Enquanto *f-iu* apresenta a típica adjunção da VT-*i*+SNP-*u* ao radical, a emergência de *-iu* parece ter sido motivada pela troca entre P1 e P3 em decorrência da semelhança entre a forma VT-*i*+SNP-*u* da P3 do Pt2 e a estrutura geral R-*i*+SNP do paradigma flexional da Pt1. Como a P3 é a forma menos marcada dos paradigmas, sendo muito frequente na fala de crianças na faixa dos 2-5 anos, é possível que no contexto apresentado em (6) a criança tenha regularizado o verbo tomando a vogal *-i* da estrutura *-iu* como radical, e não como VT, semelhante ao que ocorre nos padrões do Pt1, uma vez sendo o verbo *ir* regular nesse tempo (CUNHA & CINTRA, 2016).

(5) C. "U amiguinhu tevi uma ideia i chamô eu ai eli falô qui era pra brinca discondiscondi ai eu *fiiu* sisconde". (3;5)

(6) Ad. "E porque você não foi?"

C. "Puque eu *iu* na casa do meu pai". (2;9)

C. "(eu) *iu* passeá com eli."

As demais formas registradas para a 2ª e 3ª conjugação consistem na aplicação das estruturas *-ei*, *-eu* e *-iu* de acordo com o padrão regular R+VT+SNP de P1 do Pt2, das quais 10 (12,9%)⁷ são aplicações da VT-*e*+SNP-*i* da 1ª conjugação e 6 (7,7%) da VT-*i*+SNP-*u* da 3ª em verbos da 2ª (*enten-ei/entend-iu*); e 3 (3,9%) da VT-*e*+SNP-*u* da 2ª conjugação em verbos da 3ª (*serv-eu*). As estruturas *-eu* e *-iu* também apareceram em verbos regularizados de acordo com os padrões de sua própria classe (*cab-eu/f-iu*).

⁷ Valores correspondentes ao total de TC.

Tabela 4 – Comutação dos padrões gerais observados em verbos de 2ª e 3ª conjugação

R	VT	SMT	SNP
saber			
sab-	-Ø-	-Ø-	-o
se-	-i-	-Ø-	-o
fazer			
faz-	-e-	-Ø-	-i
faz-	-i-	-Ø-	-i
faz-	-i-	-Ø-	-u
faz-	-e-	-Ø-	-u
fez-	-i-	-Ø-	-i
fiz-	-i-	-Ø-	-i
fiz-	-i-	-Ø-	-u
Ir			
f-	-i-	-Ø-	-u
i-	-i-	-Ø-	-u

3 ANÁLISE

Esta seção busca integrar a discussão a respeito da aquisição de morfologia verbal à aquisição fonológica visando investigar se há influência desta na TC observada nos dados apresentados, especialmente no que diz respeito à aparente substituição de -ei por -i observada em verbos da 1ª conjugação. De modo geral, exploro a possibilidade de a maior taxa de aplicação da vogal -i não se tratar de uma troca genuína entre as desinências da 1ª, 2ª e 3ª conjugação, sendo, na verdade, uma tentativa malsucedida de realização da estrutura -ei, o que estruturalmente significaria que a criança não a produz integralmente, suprimindo a VT e mantendo apenas a desinência de P1Pt2. Caso esta hipótese esteja correta, a aplicação de -i será verificada em todos os contextos em que o ditongo -ei estiver presente, uma vez que se a criança aplica -i em lugar de -ei em decorrência de uma dificuldade na produção deste ditongo, tal comportamento não ficará restrito apenas à flexão verbal, estendendo-se, também, a outras categorias lexicais.

Em busca de evidências para testar essa hipótese, revisei a literatura sobre a aquisição dos ditongos orais decrescentes, centrando-me no trabalho de Bonilha (2000), que oferece uma descrição detalhada dos ditongos produzidos por 86 crianças entre 1:0-

2:6, estudadas longitudinalmente e divididas em 15 FEs. Embora a idade das crianças estudadas em minha pesquisa faça intersecção apenas com as três últimas FE abordadas por Bonilha (2000) (FE13-2:0→2:1:29, FE14-2:2→2:3:29, FE15-2:4→2:5:29, correspondendo aos seis primeiros meses da FE1 do presente estudo), faz-se importante a comparação com uma pesquisa conduzida com crianças mais novas, uma vez que o estudo da aquisição de elementos fonológicos requer uma coleta de dados que inicie logo nos primeiros meses de vida da criança, ou, mais especificamente, no período em que se inicia a produção das primeiras palavras, em torno dos 12 meses (GROLLA & FIGUEIREDO SILVA, 2014, p. 66). O estudo da autora também se mostra vantajoso para o presente trabalho devido ao fato de não se restringir à descrição das realizações verbais desses ditongos, mas sim a sua ocorrência no léxico infantil em geral. Os ditongos estudados pela autora foram: [aj], [aw], [ɛj], [ej], [ɛw], [ew], [iw], [uj], [ɔj], [oj] e [ow]. Como o presente estudo se debruça sobre desinências verbais, focarei minha atenção apenas nos ditongos com papel ativo na morfologia verbal, mais especificamente aqueles pertencentes ao paradigma do Pt2, a saber: [ej], [ew] e [iw]⁸. As descrições fonéticas foram descritas em consonância com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

Estruturalmente, ditongos decrescentes são formados por uma vogal silábica que ocupa a posição de proeminência acentual, seguida de uma semivogal assilábica (*glide*), que apresenta emissão reduzida, ocupando a posição final após o pico silábico (CAMARA JR., 1970, p. 44). Os *glides* serão aqui representados por [j] e [w], formando com as vogais a estrutura silábica VG, de modo que as estruturas verbais VT+SNP –ei, –eu, e –iu serão aqui entendidas como os ditongos [ej], [ew] e [iw], respectivamente. As vogais-base desses ditongos consistem da vogal média-alta [e], nos dois primeiros, e da vogal alta [i] no último.

Partindo do trabalho de Bonilha (2000), extraí os dados de produções referentes aos ditongos supracitados conforme o recorte em 15 FEs feito pela autora. Para cada FE, é apresentado o número de produções frente ao número total de possibilidades de ocorrência, em conjunto da porcentagem de produções corretas para cada ditongo. Para os casos em que a criança demonstra problemas na produção de um dado ditongo em virtude de problemas com sua aquisição, a autora oferece uma descrição da estrutura produzida no lugar da esperada, utilizando-se da noção de estratégia de reparo (ER) para explicar a regra aplicada por trás da estrutura alternativa. Baseado no conceito de estratégia de apagamento (BERHARDT & STEMBERGER, 1948) – usado para designar as regras que crianças utilizam para produzir formas menos marcadas –, em Bonilha (2000)

⁸ Em virtude da monotongação [ow], que ocorre em quaisquer contextos fonológicos, a autora não incluiu suas ocorrências na mostra dos dados, já que seu índice de não-produção alteraria os resultados. Por sua vez, [uj] não foi incluso na presente análise por ter apresentado pouquíssimas ocorrências, que segundo a autora, deve-se à sua baixa ocorrência no PB.

as ER recebem um novo tratamento em combinação com os pressupostos da Teoria da Otimidade, sendo vistas como resultado do ranqueamento de restrições que influenciam a ordem de aquisição das estruturas.

Bonilha (2000) também mostra a porcentagem de ocorrências dos ditongos em posição tônica, o que se mostra particularmente relevante para esta pesquisa, uma vez que essas estruturas ocupam justamente a posição tônica em verbos no Pt2. A tabela a seguir sumariza a ordem de aparecimento dos ditongos na fala das crianças estudadas, bem como sua porcentagem de produção por FE:

Tabela 5 – Possibilidades de produção de ditongos por FE (BONILHA, 2000)⁹

FE ⁸	Idade	[ej]		[ew]		[iw]	
01	1:0→1:0:29	–	–	–	–	1/1	100%
02	1:1→1:1:29	–	–	–	–	–	–
03	1:2→1:2:29	0/1	0%	–	–	–	–
04	1:3→1:3:29	1/1	100%	2/2	100%	1/3	33%
05	1:4→1:4:29	0/2	0%	3/5	60%	6/6	100%
06	1:5→1:5:29	1/2	50%	1/1	100%	0/2	0%
07	1:6→1:6:29	9/13	69,2%	4/6	66,6%	7/8	87,5%
08	1:7→1:7:29	4/8	50%	3/3	100%	9/10	90%
09	1:8→1:8:29	5/10	50%	6/6	100%	10/12	83,3%
10	1:9→1:9:29	2/4	50%	5/5	100%	6/10	60%
11	1:10→1:10:29	5/11	45,4%	7/7	100%	9/9	100%
12	1:11→1:11:29	14/23	60,8%	15/16	93,7%	16/16	100%
13	2:0→2:1:29	0/3	0%	–	–	1/3	33,3%
14	2:2→2:3:29	7/9	77,7%	7/7	100%	1/3	33,3%
15	2:4→2:5:29	12/15	80%	3/3	100%	4/4	100%

Iniciando a discussão a partir da aquisição do ditongo [ej], percebe-se que sua primeira possibilidade de produção ocorre na FE03, não sendo, porém, realizado pela criança. O contexto em que o ditongo deveria ter sido produzido consistia na posição postônica da palavra *Mickey*, a qual foi produzida como ['miki] (1:02:10). Bonilha (2000, p. 142) sugere que o padrão acima observado pode se dar devido ao padrão acentual trocaico do PB, de modo que a monotongação de [ej] ocorreria no sentido de reduzir o padrão marcado de paroxítonas com sílaba final pesada (padrão iâmbico) para um não-marcado de paroxítona com sílaba final leve. Em consonância com a explicação da autora, acrescento ainda que a produção desse ditongo em posição pós-tônica na GA parece resultar do processo de influência ortográfica (VELOSO, 2007), conforme se verifica nas

⁹ Adaptado.

palavras de origem inglesa *Mickey*, *vôlei* e *pônei*. Contrariamente a falantes nativos de inglês, que não ditongam a sílaba [ej], a reduzindo à vogal /i/, falantes de português tendem a produzir esse ditongo em posição pós-tônica devido à influência da grafia dessas palavras. Apesar de receberem como *input* as versões ditongadas, crianças não sofrem viés ortográfico, acabando por adequar essas formas ao padrão acentual da língua portuguesa em uma espécie de regularização¹⁰.

Na FE04, constata-se a primeira ocorrência correta¹¹ deste ditongo, fato que não se verifica na FE05, que volta a exibir produções desviantes do padrão VG para duas possibilidades de ocorrência. A ER verificada foi novamente VG→V, porém, sem a supracitada fusão, e aplicada à palavra *leite*, produzida como ['leti] (1:04:14) e ['letʃi] (1:04:6), padrões que segundo a autora, ocorrem devido à assimilação da semivogal alta coronal [i] em contexto anterior à consoante palato-alveolar seguinte [tʃ]. A monotongação deste ditongo é frequente diante das consoantes coronais /s/, /z/ e /r/. Por sua vez, a FE06 apresenta uma estratégia de reparo para [ej] em contexto de flexão verbal para a P1Pt2: a forma *ach-ei*, produzida como [a'ʃi] (1:05:07), apresenta a ER VG→G. Nas FE07/08 percebe-se um aumento substancial nas realizações de [ej], que são produzidas em 9 de 13 possibilidades de ocorrência na primeira e 4 de 8 na segunda. Para ambas as FEs foram registrados problemas na produção do ditongo em *leite* e *Mickey*, o qual foi novamente produzido através da ER VG→V.

Uma terceira forma foi constatada para a FE08, consistindo na palavra *meia*, que embora tenha conservado a estrutura VG, foi produzida com alteração da vogal média-alta [e] para a média-baixa [ɛ]: ['mɛja] (1:07:18). Segundo Bonilha (2000, p. 142), esse abaixamento da vogal-base do ditongo [ej] ocorre devido ao fato de ditongos formados por vogais médias-baixas estabilizarem-se mais precocemente se comparadas às médias-altas, de modo que quando a criança aplica a ER VG→VG sobre uma forma, ela tende a produzir o ditongo que apresente a vogal [ɛ]. Verificaremos mais adiante que o mesmo abaixamento entre vogais-base é aplicado ao ditongo [ew].

As palavras *leite* e *Mickey* voltaram a exibir a ER VG→V nas FEs 09/10 e 11, que também apresentaram as formas *seis* (09/10) e *meia* (11), embora a segunda tenha sido produzida como ['mia], apresentado a ER VG→G. Em 09 e 10, o ditongo em *seis* foi produzido respectivamente como ['ses] (1:08) (VG→V) e ['ʃis] (1:09:09) (VG→G). Na FE12, além do aumento de ocorrências do ditongo para 23, verifica-se o aumento da sua não-produção em verbos, conforme vemos em *queim-ei*→[ke'mo], *queim-ar*→[ke'ma] (1:11:15) e *ach-ei*→[a'ʃe:] (1:11), em que a ER aplicada foi VG→V; e *ach-ei*→[a'ʃi] (1:11),

¹⁰ Como a própria existência de palavras contendo o ditongo [ej] em posição átona final no PB é restrita, desconheço a existência de outros dados de fala infantil exibindo padrões como ['miki]. Contudo, seria interessante que trabalhos futuros em aquisição de fonologia explorassem essa questão. A existência de dados como ['poni] e ['.voli] sustentariam essa hipótese.

¹¹ A autora não lista os itens lexicais realizados corretamente, limitando-se ao seu índice de acerto.

queim-ei→[ki'mej] e *queim-ou*→[ki'mo] (1:11:15), em que a ER foi VG→G. Quanto ao verbo *queim-ar*, a forma de P1Pt2 é particularmente interessante por apresentar [ej] em posição pretônica (raiz) e tônica (VT+SNP). Na primeira ocorrência, observa-se que ao primeiro ditongo é aplicada a ER VG→V, enquanto o segundo não é realizado em decorrência da TPG entre P1 e P3. Note que o ditongo [ow] correspondente à P2/P3 também não é produzido, sofrendo monotongação. Nos pares [ke'ma]/[a'je] e [a'ji]/[ki'mo] vemos que a criança alterna entre as ER VG→V e VG→G tanto em posição tônica quanto átona. Por fim, a forma [ki'mej] apresenta um padrão interessante, no qual o ditongo prevalece apenas na posição tônica, sendo realizado apenas com o glide na pretônica.

Nas três últimas FEs, o número de ocorrências totais de [ej] decaem, assim como sua não-produção, que torna a se restringir à palavra *leite*, realizada como ['letʃi] (VG→V). Além desta, as únicas palavras que apresentam problema na produção de [ej] são [rei], realizada como ['ei] (2:03:20) por meio da ER VG→V.V; e *areia*, produzida como [a'reia] (2:05:02) através da ER VG→CV.

Assim, vemos que de modo geral, a produção de [ej] surge logo na FE04 através da forma ['sej]¹² (1:03:26). De acordo com Bonilha (2000, p. 143), na FE14, que inicia aos 2:2 indo até os 2:3:29, os índices de produção para [ej] chegam perto dos 80%, aumento que a autora atribui ao surgimento de novas palavras, entre as quais 4 consistem nos verbos *cantar*, *contar*, *cortar*, *ganhar* e *saber*. Todos os 5 verbos foram flexionados na P1Pt2, sem a ocorrência de TC. O que é interessante a respeito dessa FE é que embora haja aumento expressivo na quantidade de palavras contendo o ditongo [ej], este continua sofrendo monotongação na palavra *leite*, fato que evidencia que sua não-produção só ocorre em contextos muito específicos. Ao todo, o ditongo [ej] foi realizado em 60 de 102 possibilidades, somando 58,8% de ocorrência. A autora ressalta que não fossem suas não-produções em *leite*, que correspondem a 54,7% das ER aplicadas a ele, seu índice de produção total chegaria a 84,5%.

Quanto às taxas de não-produção dos ditongos [ew] e [iw], vê-se através da tabela (8) que foram bem inferiores em comparação à [ej], somando apenas 4 para o primeiro e 15 para o segundo. O ditongo [ew] surge pela primeira vez na FE04, sendo 100% produzido em sua única ocorrência. Na FE05 verificou-se a aplicação da ER VG→V em sua produção como VT+SNP em *d-eu*→['de] (1:04:6) e *com-eu*→[ku'me] (1:04:12). Ambas as formas são descritas por Bonilha (2000, p. 93) como tentativas de flexão da P3Pt2, contudo, o padrão acentual de [ku'me] parece sugerir que a forma proferida pela criança

¹² O fato de *sei* consistir em uma forma não-analisada (BOWERMAN, 1982) e não representar uma flexão genuína por parte da criança nessa FE não representa problemas para a presente discussão a respeito da aquisição fonológica da estrutura VG, uma vez que o que está sendo investigado é se a criança consegue produzir a estrutura [ej], independente de analisá-la ou não como uma estrutura formada por VT+SNP.

é infinitiva, pois devido ao fato de ser menos marcada, não é incomum nessa FE a emergência de enunciados como “(eu) *qué come(r)*” na GI. Além disso, adultos frequentemente fazem perguntas às crianças utilizando a P3 combinada ao verbo no infinitivo.

Da FE06 até FE11, a única a apresentar problemas na realização de [ew] foi a 07, na qual verificou-se a não-produção de [ew] em *meu*→[‘mɛu] (1:06:08), em que a estrutura VG foi mantida com alteração da vogal média-alta [e] para a média-baixa [ɛ] (VG-ew→VG-ɛu). A partir da FE12, a frequência de [ew] aumenta consideravelmente, com um total de 16 possibilidades, das quais 15 foram realizadas. Novamente, verificou-se problema na produção do ditongo em *meu*→[‘miw] (1:11), realizado como [iw] (VG-ew→VG-iw). Embora as possibilidades de ocorrência de [ew] tenham sido nulas na FE13, não houve problemas em sua produção nas FEs 14/15.

Entre os ditongos discutidos no presente trabalho, [iw] foi o primeiro a surgir, tendo sua primeira produção logo na FE01. Embora não tenha aparecido nas duas FEs subsequentes, ele torna a parecer na FE04, sendo produzido em apenas 1/3 possibilidades, apresentando problema na palavra *piu-piu*, produzida como *pi’pi* (1:03:29) (ER VG→V). Exceto pela FE05, que não apresenta problemas nas 6 produções deste ditongo, da FE06 até a 09, as não-produções de [iw] restringem-se à palavra *piu-piu*, produzida como *pi’pi* na FEs 06 e como *pi’piw* nas FEs 07/08 e 09, de modo que ambos os padrões são obtidos através da ER VG→V. Note que no segundo caso, o ditongo é mantido apenas na posição tônica, sofrendo redução da semivogal nas sílabas pretônicas. Sobre isso, a autora assevera que são poucos os ditongos decrescentes em posições pretônicas e postônicas no PB, de modo que *piu-piu* é uma das poucas exceções a esse padrão dentro do *corpus* analisado (p. 145). Ela ainda observa que a maioria das ER observadas para este ditongo são aplicadas em posições pretônicas, conforme ilustrado em *pi-piw*.

Conforme mostra a tabela (5), a partir da FE09 tanto a frequência de ocorrência de [iw] quanto sua taxa de produção aumentam na GI, exceto pelas FEs 10, 13 e 14, que registram não-produções nos verbos *cair* e *dormir*. Na FE10, a forma de P3Pt2 para [cair] realiza-se como [ka’u] (1:09:02) e [ka’o] (1:09:18), de modo que a vogal-base é suprimida e apenas o *glide* é mantido. Nas FEs 13 e 14, tem-se as formas [du’mi] para *dormiu* (VG→V) e [ka’ju] (2:0:12) para *caiu*, esta última sofrendo uma nova ER, que consiste na inversão entre a posição da vogal-base e do *glide* na estrutura VG: VG-iu→VG-ui.

A partir da descrição das (não) produções dos ditongos [ej], [ew], e [iw], sumário na tabela (6) o total de ER aplicadas sobre cada um, seguido de suas respectivas porcentagens:

Tabela 6 – Estratégias de reparo por ditongo (BONILHA, 2000)

Ditongo	V.V	V	GV	G	CV	Ø	VG	Fusão	Total	
ej	1	27	–	7	1	–	–	–	37	32,4%
ew	–	2	–	–	–	–	2	–	4	3,5%
iw	–	10	3	1	–	–	–	1	15	13,1%

De acordo com a tabela (6), vê-se que a ER mais aplicada foi a que mantém a vogal-base do ditongo, sobretudo para o ditongo [ej], que soma um total de 27 aplicações contra apenas 7 da ER responsável por manter o *glide*. Conforme exposto ao longo da seção, as poucas aplicações da ER VG→G apareceram para o ditongo [ej] em decorrência de fatores fonológicos. Bonilha (2000) firma a importância da posição dos ditongos em relação à tonicidade da palavra, mostrando, através da descrição dos dados, que a maioria deles se encontra em sílaba tônica.

Em geral, a autora considera que a aquisição da estrutura silábica VG é precoce no PB (p. 144), pois embora aquelas constituídas por vogais médias-altas e altas levem certo tempo para estabilizar na GI, as constituídas por vogais baixas ou médias-baixas apresentam alto índice de produção logo nas FEs iniciais. Assim, ainda que os ditongos [ej], [ew] e [iw] apresentem problemas em sua produção, sua não-realização deve-se à influência de diversos fatores fonológicos específicos, como, por exemplo, o da posição que ocupam em relação ao acento da palavra, ou das consoantes que os sucedem, questão fortemente observada para o ditongo [ej]. Embora o número de não-produções do ditongo [ej] de fato tenha sido expressivo em comparação aos demais, vimos que a maior parte de suas não-produções referem-se às palavras *leite* e *Mickey*, nas quais a monotongação da estrutura VG se deve à presença da consoante alveolopalatal /ʃ/, na primeira, e à redução da sílaba pesada VG para um padrão não-marcado, na segunda.

Assim, a comparação entre os dados apresentados em Bonilha (2000) e os levantados na presente pesquisa mostra que não há correlação entre a não-produção de –ei na aquisição da flexão verbal e a não-realização da estrutura VG durante a aquisição de estruturas silábicas do PB. Em primeiro lugar, além de não aplicarem a ER VG–ej→G–j sistematicamente quando da dificuldade na produção deste ditongo, as crianças do estudo de Bonilha (2000) aplicam mais frequentemente a ER VG–ej→V–e, mantendo sua vogal-base tanto em contextos pretônicos ([ke'ma]) quanto tônicos ([a'je]). Se a baixa taxa de uso deste ditongo nos verbos descritos na seção 5 ocorresse devido a problemas na produção da sílaba VG, o mesmo padrão VG→V seria observado nas formas verbais de P1Pt2 (e.g. *d–e*, *cant–e*, *mat–e*). Da mesma forma, não veríamos a aplicação sistemática do glide [j] nas formas verbais infantis, mas sim a emergência dos vários padrões observados ao longo desta seção, em que por vezes a vogal-base [e] é mantida, e, em outras, apenas o *glide*.

Contrariamente ao que previa a hipótese desta pesquisa, a maior aplicação de –i

ocorre devido à generalização do padrão flexional de P1 de verbos de 2ª e 3ª conjugação, os quais têm sua VT neutralizada no pretérito perfeito do indicativo. Dessa forma, em lugar de –e, a 2ª conjugação passa a apresentar a mesma VT da 3ª conjugação (comi, caí).

O fato de apresentarem o mesmo padrão flexional parece fazer com que crianças em fase de aquisição não façam distinção entre as duas conjugações, tomando verbos de 2ª e 3ª conjugação como se pertencessem a uma mesma classe. Isso aumenta a frequência de *input* de verbos com o padrão VT– i+SNP–i, de forma que essa regra passa a ser produtiva para a criança. A não distinção entre a 2ª e 3ª conjugação na P1 pode ser a razão pela qual as crianças também trocam os sufixos flexionais de P3 –eu e –iu, observadas em formas como *entendeu*, *faziu*, *abreu* e *serveu*.

4 CONCLUSÕES

Neste estudo, testei a hipótese de que a troca da estrutura –ei de P1Pt2 de 1ª conjugação pela desinência –i de 2ª e 3ª não seria, de fato, uma troca entre desinências gerada pela sobregeneralização de padrões flexionais, mas sim uma tentativa malsucedida de produção do ditongo –ei causada por problemas na aquisição da estrutura silábica VG. De acordo com esta suposição, ao tentar produzir a estrutura VG–ei, por dificuldade, a criança produziria apenas a semivogal –i, apagando a vogal-base do ditongo. Com base nos dados de Bonilha (2000), verifiquei que esta hipótese não se sustenta, uma vez que nos casos em que o ditongo não é produzido, a ER mais aplicada é a que mantém a vogal-base [e], estando os casos em que o glide é mantido restritos a condicionamentos fonológicos, como a presença das consoantes alveolopalatais /ʃ/ e /tʃ/. Assim, longe de ocorrer devido a uma complexidade fonológica na aquisição do ditongo –ei, a maior aplicação da desinência –i ocorre devido à generalização do padrão flexional de P1 de verbos de 2ª e 3ª conjugação.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, G. F. **Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da teoria da otimidade**. 2000. 232 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

BOWERMAN, M. **Starting to talk worse: clues to language acquisition from children's late speech errors**. In: STRAUSS, S. U-shaped behavioral growth. Londres: Academic Press, 1982, p. 101-146.

CAMARA JR. J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.



- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. **Aquisição da linguagem**. EaD, UFSC, Florianópolis, 2010.
- GROLLA, E; FIGUEIREDO SILVA, M. C. **Para conhecer aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.
- LORANDI, A. **Formas Morfológicas Variantes na Gramática Infantil: Um Estudo à Luz da Teoria da Otimidade**. 2007. 185 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MARTINS, L. S. O. **O traço de pessoa na aquisição normal e deficitária do português brasileiro**. 2007. 199 f. Tese (Doutorado em Letras). – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- ROSA, M. C. **Introdução à (bio)linguística: linguagem e mente**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- SOUZA, A. L. E.; MARTINS, C.C. **A aquisição da morfologia de verbos regulares no português brasileiro: uma abordagem da linguística cognitiva**. *Psicol. Reflex. Crit.* v. 23, n. 1, Porto Alegre, jan/abr. 2010.
- THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET. Disponível em:
<http://westonruter.github.io/ipa-chart/keyboard/>.
- VELOSO, J. **Da influência do conhecimento ortográfico sobre o conhecimento fonológico**. Estudo longitudinal de um grupo de crianças falantes nativas do Português Europeu. München: Lincom Europa, 2007.
- WUERGES, E. T. **Processos Morfológicos na fala infantil: a percepção da gramática da língua pela criança**. 2014. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Título em Inglês:

**PATTERNS OF VERBAL INFLECTION OF CHILDREN
ACQUIRING BRAZILIAN PORTUGUESE: MORPHOLOGY OR
PHONOLOGY?**